

Injeção contra ASMA e DPOC

O novo tratamento se mostra mais eficaz do que o uso de comprimidos de esteroides e diminui a necessidade de terapias adicionais em até 30% dos casos, garantindo mais qualidade de vida para os pacientes e resultados em menos de um mês

» ISABELLA ALMEIDA

Freepik



Após cinco décadas sem novidades, pessoas com problemas respiratórios ganharam mais uma opção de tratamento eficiente. A pesquisa publicada, ontem, na *The Lancet Respiratory Medicine* revela que uma injeção administrada durante crises de asma e de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) pode ser mais eficaz do que a abordagem tradicional com comprimidos de esteroides. Segundo os cientistas do King's College Londres, que conduziram o estudo, a terapia diminuiu a necessidade de tratamentos adicionais em até 30% e melhora os resultados dos pacientes.

De acordo com os pesquisadores, a descoberta pode transformar o tratamento dessas doenças respiratórias. "Esse pode ser um ponto de inflexão para as pessoas com asma e DPOC", afirmou a professora Mona Bafadhel, do King's College London, principal autora da pesquisa. Ela detalhou que, durante mais de 50 anos, o tratamento de exacerbações dessas condições permaneceu praticamente o mesmo, com esteroides como o prednisona sendo a única opção disponível.

As exacerbações eosinofílicas, que são causadas por uma inflamação nos pulmões devido ao aumento de eosinófilos — um tipo de glóbulo branco —, são responsáveis por agravar os sintomas de asma e DPOC. Elas podem causar complicações graves, como a necessidade de hospitalizações recorrentes, danos pulmonares irreversíveis e, em casos extremos, a morte.

O estudo clínico analisou o impacto do uso de um medicamento conhecido como brenalizumabe. Este anticorpo monoclonal, que já é utilizado para o tratamento de asma grave, foi testado em

Em 28 dias, voluntários submetidos à experiência observaram menos crises e bem-estar

situações de emergência, no momento em que o paciente sofre uma exacerbação. O objetivo era comparar a eficácia da injeção com o tratamento padrão.

Participou do ensaio um grupo de pacientes com alto risco de exacerbações, os voluntários foram distribuídos em três grupos: um que recebeu a injeção de brenalizumabe com comprimidos fictícios, outro que recebeu prednisona com injeções falsas, e o terceiro grupo que recebeu ambos tratamentos.

Resultados rápidos

Após 28 dias, os pacientes que receberam brenalizumabe apresentaram melhorias significativas nos sintomas respiratórios, como tosse, chiado e falta de ar, além de uma redução no escarro. Com 90 dias, o grupo que recebeu o novo remédio teve quatro vezes menos casos de falha no tratamento em comparação com aqueles que utilizaram apenas os esteroides. A injeção foi associada a menos consultas médicas,

menos internações e uma melhora geral na qualidade de vida dos pacientes com asma e DPOC.

O tratamento com brenalizumabe, administrado por profissionais de saúde, mostrou-se seguro. Porém, os pesquisadores acreditam que, no futuro, após mais estudos, ele poderá ser aplicado em casa, no consultório médico ou até mesmo no pronto-socorro, tornando-o uma opção viável e acessível. "Esperamos que os resultados deste estudo mudem a forma como

Palavra de especialista

Limitações e aplicabilidade

"Idealmente, precisamos saber quem são os pacientes verdadeiramente graves. Isso porque, muitas vezes, o acesso ao tratamento padrão, amplamente disponível no sistema único de saúde (SUS) e o controle de fatores de risco, como o tabagismo, podem proporcionar uma boa qualidade de vida, com uma mínima carga de sintomas, à imensa maioria dos pacientes. Aqueles que não atingem um controle clínico adequado e persistem tendo exacerbações, devem ser referenciados para especialistas, a fim de se avaliar individualmente as características de cada paciente e, eventualmente, a elegibilidade a essas terapias imunobiológicas. Com esse uso racionalizado, preços negociados, compras centralizadas e um gerenciamento do cuidado dos pacientes mais

Beto Assen



graves, é possível que consigamos garantir um acesso mais próximo do ideal ao tratamento que cada um necessita."

Gustavo Prado, pneumologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo

as exacerbações da asma e da DPOC são tratadas, beneficiando um número ainda maior de pacientes ao redor do mundo", afirma Bafadhel.

Para os pacientes, a descoberta é um marco. Geoffrey Pointing, um participante do estudo, compartilhou sua experiência. "Honestamente, quando você está tendo uma crise, é difícil até de falar. Você mal consegue respirar. A injeção foi fantástica. Não tive os efeitos colaterais que costumava ter com os esteroides, como insônia. Na primeira noite do estudo, consegui dormir bem e retomei minha vida normal sem problemas."

Conforme Daniel Bocar, pneumologista do Hospital Anchieta, o brenalizumabe faz parte de uma gama de medicamentos

denominados imunobiológicos. "Como benefícios, vimos uma redução significativa nas exacerbações graves de asma eosinofílica e melhora no controle da doença, além de reduzir o uso prolongado de corticosteroides orais, evitando os efeitos adversos associados como ganho de peso, alterações na pele, aumento da glicemia e da pressão arterial e osteoporose. Como são injeções subcutâneas administradas mensal ou bimestralmente, facilitam a adesão", diz. "É alarmante que este seja o primeiro novo tratamento para asma e DPOC em 50 anos, o que mostra o quanto a pesquisa sobre saúde pulmonar precisa de mais apoio", afirma Samantha Walker, diretora de pesquisa e inovação da Asthma + Lung UK.

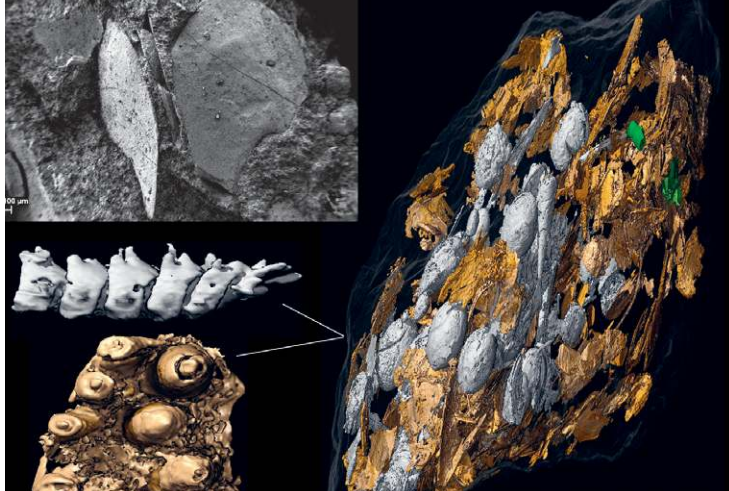
ERA MESOZOICA

Da comida à ascensão dos dinossauros

Excrementos, vômito e restos fossilizados de alimentos encontrados no intestino dos dinossauros ajudam a entender a ascensão e soberania desses gigantes, que dominaram o reino animal há mais de 200 milhões de anos, no período da era mesozoica. Um estudo publicado ontem na revista *Nature* revela detalhes sobre como esses animais se tornaram os principais predadores e herbívoros da Terra, focando especialmente há 30 milhões de anos, do final do Triássico ao início do Jurássico. Embora já se saiba muito sobre sua extinção, a ascensão dos dinossauros ainda era um mistério.

Martin Qvarnström, paleontólogo da Universidade de Uppsala, na Suécia, um dos principais autores do estudo, detalhou que as pistas encontradas nos bromálitos — restos fossilizados de alimentos, excrementos e vômitos — ajudaram a construir um quadro mais claro sobre como os dinossauros evoluíram para se tornar a espécie dominante. A pesquisa foi liderada por cientistas da Universidade de Uppsala que contaram com a colaboração de pesquisadores de diversos países. Juntos eles analisaram mais de 500 materiais de dinossauros da Bacia Polonesa, na atual Polônia.

Martin Qvarnström



Coprólito com restos de peixe produzido pelo fitossauro *Paleorhinus*

Por meio da análise, as equipes conseguiram entender melhor as interações alimentares e os papéis ecológicos desses animais. "Conectar quem comia quem" foi uma das maneiras de desvendar como os dinossauros mudaram seu comportamento e papel no ecossistema ao longo do tempo. Técnicas avançadas permitiram observar detalhes minuciosos, revelando restos de escaravinhos quase intactos, ossos de peixes, fragmentos de plantas, entre outros.

Ao cruzar os dados dos bromálitos com informações sobre paleontologia, clima e flora, os pesquisadores criaram um modelo que explica a crescente dominância dos dinossauros ao longo dos períodos. Um dos achados mais interessantes foi o aumento no tamanho dos bromálitos e dos animais que os produziram, o que refletiu o crescimento dos dinossauros ao decorrer dos anos. Durante a transição do Triássico para o Jurássico, o porte dos animais e a

diversidade alimentar começaram a se expandir, o que foi importante para sua adaptação e sucesso. Os sillessauros, precursores dos dinossauros, eram relativamente pequenos, com cerca de 1 m de altura e peso de até 15 quilos. No entanto, sua vantagem estava na dieta onívora, que incluía insetos, peixes e plantas. Essa diversidade alimentar permitiu que se adaptassem rapidamente às mudanças ambientais. Em contraste, os grandes herbívoros da época, como os dicinodontes, tinham uma dieta restrita às coníferas (tipo muito específico de plantas) e não conseguiram se ajustar às novas condições.

A medida que o clima mudava e a flora diversificava, os sillessauros, seguidos pelos dinossauros herbívoros, como os primeiros saurópodes de pescoço longo, beneficiaram-se das novas plantas. Isso contribuiu para o crescimento dos dinossauros e estimulou o desenvolvimento dos terópodes, dinossauros carnívoros e bípedes. No início do Jurássico, a paisagem estava dominada por grandes herbívoros e carnívoros, marcando a ascensão dos gigantes. A análise revelou restos de peixes, insetos, plantas e até de animais maiores, com detalhes impressionantes.

Freepik



Mar Morto

Só, nos últimos 50 anos, a evaporação intensa resultou em uma queda de cerca de 1 metro por ano. É que estruturas de chaminés embaixo das águas do Mar Morto, que jorram salmoura, podem ser um problema. Segundo a pesquisa, publicada ontem na *Science of the Total Environment*, esse conjunto pode sinalizar locais mais prováveis para o aparecimento de grandes buracos, o que já é um problema na região.